

methodo ter applicação na pratica e prestar-se, ainda a diagnostico em viagem ou em laboratorios regionaes.

Vaccinação.—Para de Araujo e Torres⁷ a oro-vaccinação contra dysenteria bacillar é inocua. Em 274 oro-vaccinados, durante um prazo de observações de cerca de 10 mezes, nem um caso de dysenteria bacillar ocorreu; em 38 t-stemunhas houve 5 casos de dysenteria bacillar e 1 de dysenteria amebiana; em 9 oro-vaccinados, em que se suspeitou a dysenteria, o exame bacteriologico das fezes foi negativo. Tendo sido entre os não vaccinados, menor que em annos anteriores a incidencia da dysenteria bacillar, parece evidente que, parallelamente á diminuição das fontes de contagio, tenha havido decrescimento da morbidade. Dentre 53 que foram submettidos á accção do bacteriophago anti-dysenterico, nem um caso de dysenteria se verificou. A falta de casos nesse grupo deriva da accção do bacteriophago de um lado e parece, de outro, ser explicavel pela diminuição das fontes de contagio. Não tendo havido modificações na vida dos alienados são evidentemente optimos os resultados colhidos. As suspensões bacterianas feitas com germes isolados no local onde se vae applicar a vaccina devem ser preferidas. Segundo os autores, a nova oro-vaccinação pode fazer que a dysenteria bacillar desapareça quasi inteiramente do Hospital São João de Deus.

Febre Amarella

A aspersão de insecticidas.—Com a irrupção da febre amarella, no Rio de Janeiro em época em que um conjunto de condições fazia temer rapida expansão do mal, a pratica do exterminio dos mosquitos adultos transmissores—desinsectização, expurgo, mais latamente—foi posta em uso desde o primeiro momento,⁸ de parceria com as outras medidas prophylacticas, como arma indispensavel de combate. Conheciam-se de sobra, porém, pelos ensinamentos de campanhas anteriores, os inconvenientes e percalços do expurgo, quando feito pela queima do enxofre, methodo usualmente seguido. Porém, no caso da febre amarella a cyanhydrisação não podia nem mesmo ser lembrada. As possibilidades de accidentes serios cresceriam. A insistir na desinsectização, impunha-se, dest'arte, outro recurso. E a lembrança naturalmente havia de cahir, entre os meios chimicos, no methodo da aspersão de insecticidas. No tocante a febre amarella, só se annotavam, porem, verificações de laboratorio, para o methodo das aspersões. Dessas, convem salientar as de Abbattucci e Roubaud, com o "Fly-tox" e as de Brug e van Slooten com o "Flit" e diversos outros preparados, tendo o kerozene por base. Com tão bons fundamentos, parecia que ao methodo se pudesse recorrer, com exito. Foram experimentados liquidos de diversas composições: o "Flit," "Stegol" (mistura de tintura de pyrethro, xylol, cresol, salicylato de methyla em kerozene) e os da serie P, de base de kerozene, com 7 por cento de salicylato de methyla (P1), 7 e 3.5 por cento de tetra-chloreto de carbono e de salicylato de methyla (P3); vinham as quotas dessas substancias, respectivamente, a 3.5 e 1 por cento no P4, a 3.5 e 0.1 por cento no P5, a 3.5 e 0.01 por cento no P6, sendo apenas utilizado o tetra-chloreto na dose de 3.5 por cento no P7. O numero de verificações feitas e comprobatorias montou a varias centenas. Escolhendo o kerozene, contendo 3.5 por cento de tetra-chloreto de carbono, nas doses preconizadas de 15 cc. para os locaes, perfeitamente calafetados; 21 cc. para os locaes incompletamente calafetados, porões e forros cobertos por telha franceza; 25 cc. para os locaes ainda mais imperfeitamente vedados, como os forros cobertos por telha canal, temos, em remate, aedida efficiente, já referendada a mistura pelas verificações de Brug e van Slooten e de Takashima, no Japão. Quanto ao preço, basta considerar que, emquanto o "Flit" custava, o litro, 14\$000, ficava a mesma quantidade do

⁷ De Araujo, E., e Torres, O.: id., 56.

⁸ Barros Barreto, João de, e Gonçalves Peryassú, Antonio: Arch. Hyg. 3: 405 (1929).

P7 por 820 réis e do Stegol por pouco menos de 2\$600. Um ponto, cuidado com desvelo, foi o de verificar o effeito que pudesse ter o insecticida sobre os operadores, forçados a se manterem em atmosferas carregadas. O uso de mascaras, a principio, que os operadores, como aliás é a regra, repelliam por incommodas, não pareceu, por tudo isso, carecesse ser tornado obrigatorio. A mistura insecticida mostrou-se, porém, irritante para os olhos e para a pelle. Deixando de parte, propositalmente, o estudo minucioso do assumpto, tão em ordem do dia, sobretudo no que se refere á elaiokoniose follicular e ao cancer, accentue-se tão sómente que 60 por cento do pessoal que trabalhou na desinsectização, apresentaram esses phenomenos passageiros, de irritação cutanea. Tudo cessa em pouco tempo. A lavagem repetida das mãos e melhormente a protecção com vaselina bastam para impedir a dermite. O uso de luvas não foi aceito pelos operadores. A irritação ocular é, de facto, o inconveniente a apontar na pratica da aspersão. Na pratica a aspersão dos insecticidas foi primeiramente feita por meio de bombas manuaes, escalados para uma casa, 6 ou 8 operadores que trabalhavam a um tempo, de compartimento em compartimento, borrifando-os por todos os recantos e em diversas alturas. Veio, por isso, a idéa de fazer a pulverização do liquido por meio do ar comprimido. Provou bem e tiveram-se em uso 7 compressores dos typos Curtis e Brunner, providos de tanque, relógio, válvula de segurança e disjuntor automatico, accionados por motores electricos. Foram então utilizados compressores accionados á gazolina, montados em chassis automoveis. Desses, ha em uso 3, de dois tamanhos, do typo Ingersoll Rand. Si, para os telhados prescindiu-se do toldeamento systematico para todo elle sempre recorreu-se, ao menos ao embuxamento, com papel, dos espaços que ficam frequentemente entre as telhas de canal, tambem entre as paredes de sustentação e o telhado, quando não ha forro, e ainda das aberturas que se deixam para a sua ventilação. Ao papel recorre-se, em larga escala, no interior das habitações, sobretudo para oculos e frinchas, quando largas, que ficam entre portas ou janellas e a soleira, umbraes e verga. Os toldos ficam para barrações muito abertos ou telheiros que seja necessario expurgar. A pratica das aspersões não implica, porém, em regeitar em definitivo o velho processo. Reconhece-se haver para elle indicações: os grandes telheiros e outras construcções precarias a exigirem bom toldeamento, para uma ou outra pratica, fazem preconizavel o enxofre (caso o material nelles contido não traga estorvo ou impedimento), quando muito vastos—o que exigia a septação, si liquido o insecticida—e sobretudo quando de grande pé direito—mais de 4 metros e meio. Habitações esparsas, sobretudo em locaes pouco accessiveis, tambem podem ser expurgadas com enxofre. Não é, de facto, compensador levar uma Intersoll, por máos caminhos, para tratar casas separadas. Já se lhe achou, porém substituto adequado: uma unidade tambem a gazolina com motor Otto-Deutz de 4 H. P., dois compressores Curtis forcendo ar para 3 pistolas trabalharem ao mesmo tempo. Teem-se já algumas machinas em funcionamento com pleno exito e outras mais encommendadas. A Ingersoll Rand Co. tem tambem com o mesmo rendimento, um excellente motor. Com 14 homens (chefe, mecanico, 3 pistoleiros, 2 ajudantes e 7 calafetadores). Com os grandes compressores, a média por dia, para cada um, é de 50 habitações. Trabalham 45 homens em cada turma. Desprezados os mezes de junho e julho, em que a desinsectização, nos focos de febre amarella e casas proximas, fazia-se só com o enxofre, o serviço dahi por diante se retrata no seguinte summario: Total até dezembro: 14,071 casas e 21,090 andares. Veja-se o contraste com o enxofre. Nos 3 primeiros mezes de serviço contra a febre amarella (junho a agosto) montou a 1,411 o numero de casas expurgadas, pouco mais do que se fez, no mez seguinte, só com compressores pequenos. As turmas perfaziam o total de 300 homens. No trimestre seguinte, produziu-se quasi dez vezes mais, com menos de 200 homens em serviço. Compensa-se farta-

mente o gasto maior com material (por m³ dispendem-se approximadamente 16 réis de P7 e 12 réis de enxofre), sem contar, entre outras despesas fortes, com a acarretada pela substituição de telhas. Só com esse complemento gastaram-se nos 3 primeiros mezes 36 contos.

Plantas como criadouros de larvas de mosquitos.—Estudando, de 1904 a 1908, a fauna culicidiana do Distrito Federal, Gonçalves Peryassu⁹ foi impressionado pela abundancia de larvas de mosquitos pernalongos nas aguas de chuva, collectadas nas folhas das bromeliaceas, araceas, musaceas e scitamineas, de que a nossa flora é requissima. O mesmo observar mais tarde, em ubussuzeiros, buritizerios, jupatizeiros, e nos entrenós dos bambús e taquáras seccos, tambem communs, em certas regiões do paiz, e fôcos constantes de larvas de quasi todas as especies de mosquitos, inclusive do *Aedesa aegypti*, o transmissor da febre amarella. O Dr. Pedro Carneiro tambem observou que os bambús verdes, quando brocados, collectam agua e são fôcos de mosquitos. Facto identico notou o auctor nos buracos de arvores, como mangueiras, samaumeiras, jaqueiras, tamarindeiros; fructa de pão taperebazeiro, etc., nos troncos de palmeiras e mamoeiros; nos cacos de côco, de sapucaia e de castanha do Pará; nas espathas dos cachos das palmeiras, quando retêm aguas de chuvas; são outros tantos criadouros de mosquitos. Até as flores das cucurbitaceas podem servir de receptaculos de larvas de mosquitos, como recentemente observou o Dr. Sylvio Cardoso. Verifiquei ainda, que cada especie tem o seu logar de predilecção para criação de suas larvas. Algumas são restrictas á agua contida nas folhas de bromeliaceas; e, outras, aos bambús e taquáras. As principaes plantas que têm folhas dispostas de maneira a poderem conter agua de chuva e servir de criadouros de larvas de mosquitos, são: *Dracena: imperial e brasiliensis*; *Heliconia: brasiliensis e bihai* (bananeirinha do matto): *H. episcopalis*; *Aechmea conspicuiar mata Baker Aechmea nudicaulis* (gravatá da pedra), *A. sphaero cephalo*; *Strelitzia nicolai*; *Nidularium ampullaceum*, E. Morr: *Nidularium rutilans*; *Eriocaulon vaginatum*, Kcke: *Freyinetia arnotti*, Gaud: *Nepenthes gracilis*; Araceas diversas (Inhamc e taióbas); *Eryngium aloifolium*; *Typha dominguenis*, Pers; *Ravenala guianensis* (Rich.) Benth, (Pacovasóróca); *Ravenala madagascariensis* (arvore do viajante): varias especies dos generos: *Bressia, Bromelia, Aregelia, Bilbergia e Canistrum*. Muitas especies de mosquitos podem fazer posturas tanto em bromeliaceas, araceas, bambús, taquáras, etc., como tambem em pequenas collecções no solo, assim como em pequenas cavidades escuras, nos troncos das arvores e pequenos vegetaes, como mangueiras, samaumeiras, mamoeiros, assahyzeiros e palmeiras semelhantes. Outro facto interessante é o modo por que vivem as larvas e nymphas das mansonias e taeniorhynchus que se fixam nas raizes dos aguapes ou gigyoyas e dos mururés ou golpinhos e respiram atravez dellas, sem ter necessidade de vir á superficie d'agua. Quanto ao *Aedes aegypti* prefere as aguas contidas em tinhas, barris, rebolos, caixa d'agua, caixa de descarga, potes e talhas, calhas de telhado, tanques de irrigação e lavagem de roupa, poços cimentados ou de paredes de pedra, latas vehlas, cacos de garrafa e de côco, fundos de embarcações, etc., isto é, tem muita predilecção pelas aguas limpas; todavia é commum encontrar-se em aguas poluidas. Algumas vezes elle procura tambem as aguas contidas nas folhas de bromeliaceas, nos entrenós dos bambús, tanquáras seccos, e nos buracos das arvores, principalmente quando estes vegetaes ficam perto ou no solo e proximos das habitações humanas, nos quintaes e junto dos muros e paredes das casas.

Alexina e glycose.—Em alguns casos de febre amarella isolados pela vigilancia sanitaria de Santos e S. Paulo fôram feitas pesquisas diversas:¹⁰ Ultra microscopia, cultura e inoculação systematicas de sangue de doentes no inicio da molestia, não se conseguindo entrever nem isolar *Leptospira icteroides*. Ne-

⁹ Gonçalves Peryassu, A.: id. 270.

¹⁰ Gomes, L. S.: id. 164.

nhuma cobaya succumbiu á inoculação e o sangue das que apresentaram hyperthermia, semeado e reinoculado, nada revelou. Quasi todos estes doentes tiveram confirmação diagnostica por autopsia. Prova da alexina—(reação de Costa Cruz) na qual se confirmou a verificação comunicada em fins de abril pelo Dr. J. Costa Cruz, do Instituto Oswaldo Cruz, referente á diminuição e ausencia da alexina no sôro dos amarelentos. Doentes com infecção grave e mortal bem como um de forma benigna, apresentaram ausencia completa do poder alexico do sôro. Um, no 2º dia de molestia não tinha diminuição da alexina para apresentar ausencia absoluta no 7º dia, fallecendo no 8º. O sôro de um convalescente e o de um *M. rhesus* injectado experimentalmente, apresentaram diminuição da alexina. Dosagens de glycose no sôro de alguns doentes, mostraram, em regra, uma hypo-glycemia accentuada, do 4º, ao 7º dias, a contar do inicio da molestia.

Experimentação.—Na historia da febre amarella os dois factos culminantes, por suas consequencias praticas, são a descoberta do agente transmissor da infecção e a de um animal de laboratorio, sensivel ao virus.¹¹ A theoria da transmissibilidade da febre amarella por meio do mosquito, formulada em 1881 por Carlos J. Finlay e comprovada experimentalmente, poucos annos depois, por Walter Reed, James Carroll, Jesse Lazear e Aristides Agramonte forneceu bases solidas e scientificas á verdadeira prophylaxia do mal, tornando possiveis e victoriosas as memoraveis campanhas como as de Gorgas, Emilio Ribas e Oswaldo Cruz. A descoberta de Stokes, Bauer e Hudson, feita em fins de 1927, de que um macaco asiatico, o *Macacus rhesus*, era sensivel á infecção, collocou a febre amarella no dominio verdadeiramente experimental, trazendo-nos tambem a esperanza de que seja completamente dominada em futuro não remoto. O auctor começa assignalando esses dois factos. Mostra depois o comportamento experimental do virus que conseguiu isolar em São Paulo, virus americano e do virus africano, da raça Asibi. Estuda o comportamento do virus africano e sua resistencia em relação a certos antisepticos, quando mantido sob varias condições. Observou que este virus, quando muito virulento, porém mantido em condições optimas de temperatura principalmente, mesmo sob acção de antisepticos em determinadas proporções e em tempo mais ou menos longo, embora se attenúe, pode não morrer e ainda determinar experimentalmente uma infecção inapparente e de duração mais prolongada. Assignala por fim uma nova technica para o preparo da recente vaccina, chloroformada, cujo valor pratico está sendo objecto de estudos completos. As verificações histopathologicas dos animaes experimentados foram feitas pelo Dr. J. B. Arantes.

Vaccinação.—A vaccinação contra a febre amarella pode ser feita por methodos diversos; tanto pela immunisação passiva, pela inoculação de sôro de convalescente ou de um macaco immunisado, como pela inoculação de vaccina preparada com sangue e órgãos de macacos infectados ou ainda por meio ainda de sorovaccinação.* O sôro de convalescente como methodo de protecção passageira contra a infecção, primeiramente elle foi usado no Instituto Oswaldo Cruz para proteger aquelles que trabalhavam nos laboratorios com macacos infectados e posteriormente seu emprego foi ampliado a pessoas que habitavam os fôcos de febre amarella, a estrangeiros, de passagem nesta cidade, e outras pessoas que se queriam proteger contra qualquer eventualidade. Orça por cerca de 200 as pessoas assim protegidas tendo todas supportado bem as injeções que só, num ou noutro caso, produziram uma certa depressão passageira. Entre as pessoas injectadas com sôro de convalescente nenhum caso de febre amarella occorreu, tendo sido empregados nellas doses de 1 a 2 cc. O emprego do sôro de convale-

¹¹ Lemos Monteiro, J.: id., 141-150.

* De Beaurepaire Aragão, H.: id., 17.

sciente é no emtanto limitado, dadas as difficuldades que ha em obtel-o. A sôro-vaccinação, isto é, a inoculação de uma dôse de sôro e outra de virus é um processo que ainda está experimentando o auctor nao sabendo, por isso, quãl o resultado verdadeiramente pratico que possa produzir. A commissão franceza do Instituto Pasteur demonstrara que o sôro aquecido, de um doente nos primeiros dias da molestia, quando o virus esta presente nelle, tinha uma acção vaccinante evidente. Era portanto de esperar que os órgãos do *Macacus rhesus* ou *cynomolgus*, cheios de virus, offerecessem condições muito favoraveis para se fazer uma vaccina, e assim, desde que foi infectado o primeiro *M. rhesus*, aproveitou-se esse material para preparal-a. Já estava a vaccina preparada e em experiencias no *rhesus* e no homem, quando recebeu-se a publicação de Hindle relatando seus interessantes e precursores trabalhos com as vacinas por elle usadas contra a febre amarella, uma simplesmente formolada, outra glycerinada e phenicada, usando em ambas uma parte de figado para quatro da solução esterilisante, no primeiro caso formol a 1 por mil e no segundo uma solução a 60 por cento de glycerina em agua phenicada a 0.5 por cento. Aragão resolveu então preparar a vaccina glycerinada e phenicada, como recommenda Hindle, e para comparação com esta, uma outra formolada a 2 por mil e phenicada a 0.5 por cento, visando obter nesta uma garantia perfeita de esterilidade. Estas duas vacinas deram bons resultados nos *rhesus*, e fôram, por isso usadas no homem. Como a vaccina glycerinada se tivesse revelado mais dolorosa, comecou-se a usar no homem, em larga escala, a vaccina phenicada e formolada que é muito mais supportavel. Preparada, é um liquido roseo amarellado, turvo, dando um pequeno deposito e não tendo cheiro desagradavel. Esta vaccina começou a ser usada no Instituto Oswaldo Cruz, entre as pessoas que nelle trabalham em febre amarella na dôse de 2 cc. por pessoa e não tendo dado reacção desagradavel, entrou em larga experiencia neste e no Departamento Nacional de Saúde Pública. Foi empregada durante o surto 1929, de janeiro a abril, em cerca de 25 mil pessoas especialmente emigrantes estrangeiros e tambem em muitos brasileiros mas não deu todos os resultados completos que della se esperava. Assim se observaram entre os vaccinados só nos que habitavam os focos da molestia cerca de 25 casos de febre amarella, uns benignos outros graves e mortaes. Alguns casos appareceram em pessoas com 5 dias após a vaccinação e dahi em deante até 2 mezes de vaccinadas, só um caso em pessoa com 6 mezes após a inoculação. Em alguns focos porém se observou protecção absoluta dos vaccinados ao passo que pessoas não vaccinadas, que com elles habitavam, adquiriram a molestia. A impressão que deixou a vaccina é que ella foi empregada numa dôse insufficiente para uma protecção absoluta em todos os casos, havendo um certo numero em que uma extrema sensibilidade dos pacientes fez falhar o seu poder protector. Trabalhos ulteriores demonstraram que nos macacos a melhor dôse para protegel-os é a de 0.4 a 0.5 de cc. e assim para o homem se recommenda melhor a dôse de 4 cc. em uma só injecção ou em duas com 10 dias de intervallo. Essas quantidades de vaccina são perfectamente supportadas. Além disso para tornar mais activa a vaccina as emulsões de órgãos em agua formolada e phenicada, ellas passaram a ser feitas na proporção de uma parte de emulsão de órgãos para quatro de vehiculo e a cada 2 litros de vaccina ainda juntaram-se 50 cc. de sangue desfibrinado e formolado de *rhesus* infectados e colhido nos animaes doentes em diferentes estadios da molestia. Esta vaccina possui poder immunisante mais elevado. O numero relativamente pequeno de inoculações até agora feito com esta vaccina não permite ainda qualquer juizo a respeito. A vaccina deve ser mantida, durante e após o seu preparo, na geladeira entre 8 e 10 grãos. A vaccina não deve ser usada antes de 1 mez depois de preparada. A vaccina conservada em temperatura de 8 a 10 grãos conserva o seu poder immunisante por 3 mezes pelo menos. Actualmente Lemos Monteiro, do Instituto de Butantan, está preparando uma

vaccina usando chloroformio como agente esterilizador do virus, em logar do formol, segundo a technica usada por Kelsener para a peste bovina.

Microbiologia.—Na febre amarella podem ser isolados micro-organismos que apresentam certa relação immunologica com a infecção.¹² No decurso da febre amarella, tanto humana como experimental, os micro-organismos do grupo dos *Corynebacterium* apresentam maior interesse pelo facto de serem mais evidentes e constantes as suas relações immunologicas com a infecção, em virtude do provavel “biotropismo” por elles manifestado sob a influencia do virus invasor. Um typo microbiano deste grupo, isolado de um caso clinicamente typico e com confirmação histo-pathologica, soffreu de um modo constante a influencia dos sôros de doentes seguramente attingidos do mal, de convalescentes e de *Macacus rhesus* experimentalmente infectados e immunizados, não sendo influenciado pelos sôros normaes e, sômente em proporção minima e inconstantemente, pelos de doentes de outras infecções. Entre os caracteristicos principaes deste germe destaca-se a modificação de suas propriedades biologicas de accordo com o meio em que é artificialmente mantido, assim como o poder lytico *in vitro* de suas culturas e filtra-os em relação ás hemantias humanas e do *M. rhesus* (acção hemolytica). A acção manifestada pelo *Corynebacterium* isolado e evidenciada pela reacção de agglutinação poderá servir como elemento accessorio para o diagnostico da febre amarella humana e experimental. Esta propriedade agglutinante pôde se alterar com a idade e repicagens successivas em meios artificiaes, donde a conveniencia de a cultura ser relativamente recente. Sômente o estudo de numerosos casos, com o isolamento de novos typos microbianos semelhantes e outras pesquisas, determinarão com exactidão o papel porventura desempenhado por este micro-organismo no desenrolar da infecção pelo virus amarellico, assim como a natureza da reacção com elle manifestada e a importancia que poderá ter o seu emprego com fim diagnostico. N’uma nota final o A. assignala os resultados ultimamente obtidos de pesquisas feitas no sangue de *rhesus* infectados pelo virus, tendo conseguido, usando um meio especial, o isolamento de um micro-organismo que após algumas sub-culturas apresenta a disposição e outros caracteres dos *Corynebacterium* e que está sendo objecto de estudos mais detalhados.

Reacções sorologicas.—Com o auxilio dos coctoantigenos,¹³ contendo o virus de febre amarella, e a collaboração de technica precisa para avaliação do resultado da hemolyse e precipitação é possivel constattar a presença de anticorpos fixadores de complemento e precipitinas no sôro de doentes de febre amarella. Os anticorpos fixadores de complemento são encontrados desde o 3º até o 24º dia. Formam-se com mais intensidade nos primeiros dias (5º e 6º dia), diminuindo em seguida até desaparecer. Ausentes no sôro de individuo não infectado pela febre amarella, tambem não são postos em evidencia nos doentes, quando o coctoantigeno é preparado com orgão normal. No sôro de coelho hyperimmunizado por inoculação intravenosa de coctoantigeno (virus de febre amarella) é egualmente possivel pôr em evidencia os mesmos anticorpos.

Transmissão pelo mosquito.—Fez Aragão¹⁴ um historico da febre amarella até a recente descoberta de que uma especie de macaco tambem recebe o mal quer por meio de transmissão do doente, quer por meio do estegomia. Demorou-se no estudo do mosquito transmissor. Ainda não foi possivel apurar a questão da hereditariedade do mosquito. Está hoje provado que não só a picada do mosquito transmite o mal, como tambem as dejeccções do estegomia, passados alguns dias. Assim um mosquito pode infeccionar a mais de um individuo. Está hoje verificado, egualmente, que o estegomia macho tambem infecta; que mosquitos indemnes juntos a infectados se contaminam; que o virus pasa de mosquito a

¹² Monteiro, L.: id. 241-242.

¹³ Moses, Arthur: id. 27.

¹⁴ Aragão, Henrique: Rev. Hyg. e Saude Pub. 3: 258 (dbro.) 1929.

mosquito o que justifica o apparecimento de casos de amarellentos sem fóco conhecido.

Pathologia.—A febre amarella, que rompeu em surto epidemico, no Rio de Janeiro, em 1928, apresentava as seguintes alterações, constataveis nas dezenas de exames necroscopicos executados: ¹⁵ Ictericia ou sub-ictericia; hemorragias raras, subcutaneas e musculares; hemorragias abundantes das mucosas buccal e nasal; hyperemia dos centros nervosos, podendo apparecer hemorragias meningeanas ou no proprio encephalo, raras e geralmente, pequenas; hemorragias do pericardio e endocardio; distensão das cavidades cardiacas direitas; ausencia do aspecto zebrado do myocardio, si bem que a sua coloração mostrasse, geralmente, esteatose da musculatura, sobretudo á direita; impregnação, pelos pigmentos biliares, da intima dos vasos; hyperemia e hemorragia pulmonares; hyperemia da trachéa e pharynge; baço em geral hyperemico e com hyperplasia follicular, sendo o seu volume normal ou augmentado; nephrose em 4 typos macroscopicos principaes, dos quaes o primero é o mais hyperemico e com menor quantidade de gordura, e o ultimo com intensa esteatose e quasi exangue; hyperemia e hemorragia das mucosas gastrica e duodenal, menos nitidas no jejuno-illeon e quasi que inteiramente ausente no grosso instestino; conteúdo vesical raro ou ausente, podendo, comtudo, apparecer casos mesmo com urina abundante (raros); constantes lesões do figado, cuja côr era ligeiramente amarellada, côr de folha morta, alaranjada ou mesmo picrada ou enxofrada, volume normal ou augmentado, raramente diminuído, parenchyma firme, mas friavel; lobulação, na maioria dos casos, aparente ou mesmo exaggerada; presença de aneis finos, vermelhos, na porção média dos lobulos; permeabilidade constante das vias biliares; presença da bile em todos os casos estudados, em quantidade variavel, na maioria das vezes oscillando entre 2 e 5 cc.; edema frequente e hemorragias mais raras, macissas ou em pequenos fócos, da vesicula biliar.

Enfermeiras brasileiras.—Fontenelle (*A Folha Médica*, Janeiro 15, 1930) diz que o Rio de Janeiro, na base da experiencia norte-americana, onde as enfermeiras visitadoras de saude publica passaram, de 1,500, ha 20 annos, a 30,000 agora, só para o trabalho estrictamente preventivo, precisa, com urgencia, de mais de 300 enfermeiras, “sem contar as dos hospitaes.” A cidade está, porém, muito abaixo dessa necessidade, pois, tendo diplomado em 5 annos 93 enfermeiras, as visitadoras foram 6 em 1925, 20 em 1926, 37 em 1927, 35 em 1928 e são, agora, apenas 28. Das diplomadas, cerca de 50 por cento já não mais estão na profissão de saude publica. O Departamento de Saude Publica criou a Escola D. Anna Nery para ter, emfim, enfermeiras visitadoras. Minha convicção é que em vez de ter 200 medicos e 300 visitadoras, seria preferivel que a Saude Publica tivesse 200 enfermeiras e 30 medicos.

Escola de pharmacia de Ouro Preto.—Em 1839, proseguindo no programma traçado de desenvolver na Provincia de Minas Geraes o ensino superior, completando o primario e o secundario já existentes, a Assembléa Legislativa decretou uma lei creando duas Escolas de Pharmacia: uma em Ouro Preto e outra na cidade de S. João d'El-Rei, destinadas ao ensino de Pharmacia e da Materia Medica, especialmente a brasileria. A execução dessa lei foi feita em parte somente, tendo sido fundada apenas a Escola de Pharmacia de Ouro Preto, que desde então vem se mantendo até hoje. Cerca de um anno depois de creada foi a Escola de Pharmacia anexada ao Collegio de Ouro Preto pela lei de 1º de abril de 1840.—*O Pharmaceutico Brasileiro*, dezembro de 1929.

¹⁵ Fialho, Amadeu: Arch. Hyg. 3: 37, 1929.